

JOSÉ DIAS

zeddias@hotmail.com

FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

AFTER-SPACE: PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO NA ATUALIDADE

RESUMO

O presente artigo pretende questionar e expandir novos campos para o conceito de espaço e sua incorporação, no contexto das condições resultantes da cultura moderna: compreender, na atualidade, a produção de *espaços outros*, partindo de um pressuposto concetual da existência de uma relação entre os entendimentos de espaço e as condições da nossa existencialidade: o espaço como uma construção histórica.

A forma como a cultura contemporânea parece privilegiar uma relação com o espaço está diretamente ligada ao crescimento das tecnologias da comunicação e da informação, que Castells (2000) definiu como “espaços de fluxos”: a comunicação, a mobilidade e a fluidez estão a (re)definir todo o sentido de permanência e estabilidade tradicionalmente identificado com o espaço e o lugar.

Procura-se assim compreender o espaço a partir de *vontades* escópicas muito presentes na nossa relação quotidiana com a cidade, a sua expansão por efeito da digitalização da experiência e extensível à nossa relação subjetiva com o mundo. Neste sentido importa referir o papel da *praxis artística* sobre a possibilidade de construir espaços com novas qualidades: o *after-space*.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; tecnologia; espaço; arte

INTRODUÇÃO

Da realidade da arte, da cultura, da geografia, passando pelo urbanismo, pela arquitetura, pelas ciências sociais, a categoria de “espaço” tornou-se imprescindível para descrever transformações que estão em curso. Adjetiva-se com espaço público, espaço político, ciberespaço, espaço social, entre outros. Ou seja, o conceito de espaço passou a ter uma noção difusa.

Há anos que o conhecimento na Arte e nas Ciências Sociais e Humanas tem referido uma significativa mudança na forma como o espaço (e o tempo) são pensados: caso do fim do projeto moderno, colocando-nos numa posição de “pós-modernidade” (Lyotard, 1988), de “sobremodernidade” (Augé, 1994) ou de “modernidade líquida” (Bauman, 2001). Neste contexto, onde o mundo estaria mais comprimido, mais excessivo, mais fluidificado, mais acelerado, determinado pelas tecnologias e pelos novos padrões de economia (Harvey, 1992), os espaços lugar estariam a tornar-se “espaços padronizados”, de identidade enfraquecida. De facto, à medida que crescem as alusões a esta transformação do espaço, crescem também as alusões a uma crise da noção de realidade e de experiência.

Propomos, assim, afirmar algumas circunstâncias para a compreensão do espaço, na atualidade, partindo do modelo ótico da modernidade e de enfoques como cidade ou tecnologia. Admitimos que a questão do espaço, seja pela sua representação, seja pela interpretação, reflete e exprime a relação do ser humano no ecossistema onde se encontra inserido, e por outro lado, é resultado de uma dimensão interativa na qual o indivíduo constrói a sua identidade (Habermas, 2013).

CIDADE

A partir do século XVIII as cidades modernas começaram a expandir-se, transfigurando a política, a cultura, a sociedade, a economia, o espaço e o tempo. Wirth (1996) na análise que faz do mundo contemporâneo refere a influência que a cidade exerce na vida social do homem. Ela é o centro que põe em marcha e controla a vida económica, política e cultural. Com efeito, têm sido numerosas as tentativas de identificação das características da vida urbana, que de uma forma abrangente, determinam a sua natureza: a dimensão, a densidade e as diferenças funcionais das cidades. Do ponto de vista subjetivo, Simmel sugeriu que o contacto físico estreito de numerosos indivíduos entre si produz inevitavelmente uma alteração na sua relação com o meio urbano, especialmente com os seus semelhantes. Simmel (2001, p. 31) refere, no texto *A metrópole e a vida do espírito*, que a

base psicológica sobre a qual se constrói a individualidade metropolitana é a intensificação da vida emocional decorrente da mudança brusca e continuada de estímulos internos e externos. (...) A metrópole promove condições psicológicas contrastantes e estimulantes em cada atravessar

de rua, no ritmo dos passeantes, na variedade social, no acelerar do mecanismo quotidiano.

Mas o que é hoje a cidade para nós? Questiona Calvino (2000), acrescentando que é um conjunto de várias coisas: de memórias, de desejos, de sinais de uma linguagem; a cidade é lugar de troca, de mercados de desejos, de recordações num momento de declínio e de indiferenciação.

Estrangeiros *camusianos* no seu lugar, forasteiros na nossa cidade, o habitante da grande cidade sente o espaço não mais controlado pela arquitetura. Sente a cidade liberta de limites, procurando alternativas a um mundo que por vezes lhe parece escapar, de relações fugazes com o aqui e acolá.

O universo urbano, resulta de cruzamentos de todo o tipo de referências, físicas, materiais, culturais, comunicacionais, promovendo uma diversidade de experiências e, igualmente, uma conflitualidade sociocultural latente. Neste contexto onde o olho constitui um modelo primordial, a cidade assume-se lugar para esse ímpeto de visibilidade. Porém, a experiência urbana pode proporcionar, por um lado, a alienação sensorial (pela velocidade e pela simultaneidade da percepção), estranheza ou uma realidade imaginária.

Durante os anos 70, a Geografia Humanista (influenciada pela Fenomenologia e pela Hermenêutica) propôs uma ciência pautada na experiência, nos valores e nos significados que cada indivíduo constrói na relação com o espaço. O trabalho que geógrafos¹ procuravam sobre o conceito de lugar, assentava em bases existenciais, onde o significado básico de lugar não viria da sua localização, mas sim de relações experienciais que se estabelecem entre os indivíduos e o espaço.

Edward Relph apontou a tendência globalizadora como construtora das “deslugaridades” (sem lugar): estaríamos presentes no enfraquecimento das qualidades simbólicas dos lugares e das paisagens diferenciadas. A “deslugaridade” referia-se ao desenvolvimento de atitudes inautênticas para com os lugares, atitudes simuladas. A comunicação em massa, o sistema económico, produziram espaços cada vez mais uniformes, funcionais, onde a capacidade de ligação simbólica se tornaria cada vez mais fluida (a disseminação da “deslugaridade”). De modo similar, Marc Augé na análise que fez com as relações espaciais referiu a reprodução de “não-lugares” (1994). Este procurava examinar as transformações do espaço na era da “superabundância” a partir de duas realidades complementares:

¹ Yi-Fu Tuan; Anne Buttmer, Edward Relph.

os espaços construídos e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Enquanto Foucault (2005) referia práticas espaciais outras (heterotopias), Michel de Certeau (1998), no sentido de criar formas de resistência ao estado de coisas, propunha a criação de novos espaços resultado das interações (“invenção do quotidiano”), num uso de espaço que saía às coordenadas existentes de uma ordem funcionalista, numa visão possibilista de novas realidades.

No seu desenvolvimento, a cidade vai-se verticalizando, as ruas são apropriadas pelos automóveis: a *cidade genérica*, tal como é descrita pelo arquiteto Rem Koolhaas (1995) será a cidade que se auto reproduz sem “sentimentalismo”, sem a menor preocupação com uma singularidade que lhe seria própria.

A emergência da *cidade genérica* assume-se como um fenómeno de perceção, onde o ritmo exponencialmente acelerado da vida urbana diminui, de facto, o tempo de relação dos habitantes com o espaço urbano e a forma como se desenrola o dia a dia dos habitantes da cidade. Como consequência, o tender-se a valorizar as relações virtuais em prejuízo das relações com os espaços. Assim, o que se passa hoje não é a emergência de um fenómeno físico novo, mas a generalização de uma perceção genérica dos espaços urbanos. Refira-se que toda a *cidade genérica*, no sentido que o Koolhaas (1995) propõe, é entendida como espaço urbano de uma cidade “igual às outras”: apresenta-se como um território visível, mas que não deixa de ser um cenário, onde os observadores representam e constroem a função urbana nas suas dimensões funcionais, visuais e simbólicas.

Na atualidade, a crise urbana parece estar contida no facto de a experiência física da cidade estar a ser substituída pela digitalização da experiência, e a promover experiências pós-geográficas e pós-territoriais. Brança de Miranda (2002, p. 9) refere a dissolução da “instrumentalidade” e a emergência de um “descontrolo” no interior da experiência, a que se responde com mais tecnologia, para explicar o processo de transformação que a experiência historicamente construída está a sofrer: razão que possibilitará novas espacialidades.

TECNOLOGIA

Ao longo da história podemos encontrar exemplos das relações entre técnica e conhecimento. O elemento técnico tornou-se um instrumento essencial, para além da construção do conhecimento, da apropriação do

território e do espaço em geral, pelo facto de introduzir uma dimensão técnica do habitar.

A alteração da percepção do espaço, promovida pelo aparecimento da cartografia e a reprodução geométrica da paisagem, modificaram não só a visão geográfica de uma época, mas também contribuíram para o processo da subjetividade e da racionalidade moderna. A geometria e a cartografia inventaram o espaço moderno.

Harvey (1992, p. 135) refere que

a técnica da perspetiva concebe o mundo a partir do olho que vê do indivíduo. Tal facto teve o mérito de desenvolver a ciência ótica e a capacidade dos indivíduos de representarem aquilo que vêm como algo verídico, em contraposição às verdades impostas pela mitologia e pela religião.

Outro exemplo é a introdução da tecnologia da visão (o olhão mecânico de Galileu): com o telescópio, a natureza externa passava a ser percebida a partir da representação e a imagem do pensamento, criando pressupostos epistémico-experienciais, e a distinção entre mundo e pensamento. Segundo Felice (2012, p. 35) “a percepção depois de Galileu, tornar-se-á resultado de uma tríplice relação que põe em diálogo o sujeito, os instrumentos técnicos de observação e o mundo, recolocando o ver e a experiência sensorial dentro da experiência cognitiva”. Se o mundo começará a ser observado, e a revelar os seus segredos, também as práticas e as concepções de habitar, tornar-se-ão mais o resultado de uma mediação técnica, que determinará as qualidades e os significados da interação entre o sujeito e o meio.

O telescópio, mais do que mostrar um outro universo, vai romper com as barreiras que se colocavam entre sujeito e natureza, desencadeando novos modos de interação: é o criar de relações de sentido mais complexo, por meio de extensões mecânicas, e não mais o sentido projetual do eu no mundo. Dão-se transformações fundamentais nas relações do sujeito com o meio ambiente: o surgimento de uma paisagem dinâmica, autónoma. Se até à altura a percepção do espaço se exprime de forma empática, permanente, o telescópio introduz fatores móveis, autónomos. Trata-se de alterar as relações sujeito-meio através de um meio mecânico, de uma interação mediatizada.

A introdução deste olhar mecânico integra um olhar científico. Um olhar não mais unicamente biológico, mas também técnico e não orgânico. Depois do telescópio, o conhecimento do mundo com a mediação ativa do

instrumento não será o mesmo, diríamos mesmo a sua impossibilidade perante a ausência dessa mediação.

A nova observação que se instala, para além de alterar as referidas relações, promove a dilatação das distâncias, expandindo a natureza.

A partir de então, o espaço torna-se resultado de uma observação técnica e das interações observador/observado. Como destaca Benjamin (2001), a reprodução técnica da paisagem determinará, um efeito dilatador e multiplicativo de espaço, que resultará na perda do *hic et nunc*, isto é, do seu sentido objetivo e único, e, ao mesmo tempo, no surgimento de uma natureza tecnológica que se coloca à frente do sujeito como alteridade autónoma.

Quando estão em causa transformações como aquelas que, no seguimento das tecnologias da visão, estão a acontecer na era digital, ficam marcas profundas nos entendimentos do espaço e do tempo, sabendo que também estão em curso transformações profundas da experiência humana. Teresa Cruz (2007) refere que a contemporaneidade está muito centrada em operações de espaço. Operações de estruturação do espaço físico, tornadas imprescindíveis pelo extraordinário crescimento das cidades, mas também operações virtuais de “dissolução e de produção de espaço”, contrariando-o e expandindo-o através das tecnologias.

Um dos elementos de caracterização do ciberespaço poderá ser, segundo a sistematização de Manovich (2005), o da navegabilidade, isto é, o ideal de fluidez. O ideal de navegação é deslizar sem atrito por dados, atravessá-los como se de um espaço contínuo se tratasse, sem barreiras. O ciberespaço é espaço para ser atravessado.

Conectividade, navegabilidade, fluidez, são características predominantes deste espaço cibernético, para o qual, cada vez mais, a nossa experiência do quotidiano se vai transferindo. Mas as características, talvez mais importantes deste espaço, são o seu carácter virtual e hipertextual.

A virtualidade não é uma mera possibilidade. Ela adquire uma existência, podendo relacionar-se com outros planos da experiência, não apenas o real, mas também o ficcional e o imaginário. Traz uma espécie de suplemento de fantasia, como por exemplo, a possibilidade de ter experiências que exigiriam a nossa presença física num outro espaço físico, ou a experiências que não poderiam ter lugar num mundo real.

Embora seja inquestionável a popularidade destes novos espaços e seus simuladores, eles representam novos desafios aos investigadores, aos arquitetos de informação, aos artistas. Quer seja com a cidade, quer seja com a tecnologia, aprofunda-se a separação do homem com a natureza.

Com a colocação dos dispositivos cibernéticos a abordagem do mundo torna-se menos física e mais mental. Por paradoxo, quantos mais dispositivos mais afastados.

Este espaço emblemático da experiência contemporânea representa, em certa medida, o prolongamento dessa vontade interior da descoberta do outro, da fantasia, da viagem, da observação como no *flâneur* que se desloca num espaço real, numa atitude voyeur. O *flâneur* passa a maior parte de seu tempo apenas olhando o “espetáculo urbano”, reagindo aos estímulos aqui e acolá. Assim, como o *flâneur* só pode existir nas grandes urbes, pois as pequenas não lhe oferecem o mesmo espaço para os passeios e para a observação, o *data flâneur* só pode cumprir-se nas redes sociais.

Manovich (2005, p. 128) refere Geert Lovink para descrever a figura do utilizador dos media e surfista da net dos dias atuais, como um *data dandy*, numa referência a Oscar Wilde, mas que exhibe comportamentos que o qualificam como um *data flâneur*. A psicologia do *flâneur* encontra, hoje, o seu correspondente numa forma de percepção representada pela experiência pós-moderna do indivíduo defronte do computador ou num smartphone.

Se a cidade continua a ser o espaço por excelência da *flanerie*, o novo cidadão encontra no ciberespaço um lugar representativo dessa vontade dinâmica de estar em movimento e de construir espaço.

ESPAÇO

Na ideia tradicional os espaços são concebidos como lugares e territórios, o que leva a atenção a ser concentrada no espaço já constituído. Embora o nosso estar pressuponha estar nalgum lugar simultaneamente parece estar em lugar nenhum. Na perspectiva de um modelo relacional incentivamos a fazer entendimentos do espaço como produção própria. Mais do que estar num espaço, os sujeitos criam e desenvolvem espaço com base nas interações. Pensar o espaço assim, pressupõe que entremos num âmbito em que há mais significado do que objetividade; remetendo para conceções mais plurais, mais abertas.

Para concetualizarmos o *after-space* partimos das nossas capacidades de apreensão sensorial e cognitiva, mas igualmente do nosso imaginário, de forma direta ou mediada tecnologicamente (mediação que vai para além da utilização da tecnologia, mas o construir de uma propriedade inerente ao sujeito observador). Examinamos o espaço a partir da Cidade, com base nas interações da vida urbana e do sentido moderno de afastamento. Afastamento que os processos mediados tecnologicamente

promovem. Como refere Robins (2003, p. 29), “a visão tecnologicamente mediada desenvolveu-se como modo decisivamente moderno de ganhar distância relativamente ao que se encontra à nossa volta, de nos retirarmos e insularmos relativamente à assustadora proximidade imediata do mundo do contacto”. A questão do medo (e da obstrução do medo) apresenta-se em Robins crucial para compreender a resposta tecnológica a ele. A visão assumiu-se sempre como uma importante defesa contra o desconhecido. Tal preocupação é igualmente encontrada em Adorno e Horkheimer (*Dialética do Esclarecimento*, 1969) quando referem que o esclarecimento,

no sentido mais amplo do progresso do pensamento, tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. A distância do sujeito com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado. (...) Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. (Adorno & Horkheimer, 1969, pp. 9-10)

Elias Canetti (2014) no seguimento do princípio do afastamento refere: “nada o homem receia mais do que ser tocado pelo desconhecido. Em toda a parte, o homem evita ser tocado pelo desconhecido” (Canetti, 2014, p.13). É na procura de respostas que a modernidade, através da visão, irá racionalizar os mecanismos de defesa de um desconhecido. Se no início a visão tinha a capacidade protetora, a modernidade elaborou modos de ver formais, abstratos e posteriormente (tecnologicamente mediada) acentuou a capacidade de gerir esse afastamento. É neste contexto que podemos constatar o sucesso da iluminação pública como justificativo para desocultar o espaço aterrador que a noite da cidade contém (Gil, 2011).

Na atualidade o desenvolvimento do processo de distanciamento, promovido pelas novas tecnologias digitais, resulta em que o observador vai perdendo contacto imediato com a observação direta, e o predomínio do mundo como representação mediada; parece estar em causa, para além do contínuo afastamento, a experiência e um mundo de qualidades desrealizadas. Neste sentido podemos convocar a expressão habermasiana da modernidade como “um projeto inacabado” e em cumprimento de espaços outros. É em consequência desse distanciamento promovido pelo processo histórico ótico (incentivado pelas tecnologias da visão) e pela coprodução da realidade sensível, na qual as perceções diretas e as mediadas tecnologicamente, em contexto, constroem um espaço de qualidades de pós-espaço.

A reificação da percepção, que se apresenta como um indício da crise, é também resultado dos processos da asseptização da observação, isto é, do distanciamento do sujeito em relação a práticas de visualização. Este distanciamento apresenta-se como resultado das referidas práticas científicas e “pela trágica cultura das coisas”, nas palavras de Simmel (2001). O sujeito do *homo opticus* torna-se no *homo mediatius* (aquele que vê através de mediação e que tem consciência da sua própria medialidade e do condicionamento sociocultural da percepção humana).

Neste contexto pretendemos abordar o espaço da cidade, com base nas interações urbanas e do sentido moderno de afastamento que os processos mediados, desde o telescópio de Newton, têm promovido: diga-se um modo decisivamente moderno de ganhar distância relativamente ao que se encontra à nossa volta e que na atualidade se aprofundou com a tecnologia digital, alterando a natureza dessa relação, onde as percepções diretas se fundem com as mediatizadas.

Assim, a forma como a cultura contemporânea aprofunda a ligação aos processos de digitalização e de virtualização, implica que a comunicação, a mobilidade e a fluidez estão a (re)definir todo o sentido de permanência e estabilidade tradicionalmente identificado com o espaço e o lugar. A digitalização da experiência está a promover uma hibridização do espaço e da informação, resultando numa diluição ou liquidificação (Bauman, 2001) da cidade, sugerido-nos paisagens urbanas para além da percepção, e seguindo direções pós-geográficas e pós-territoriais.

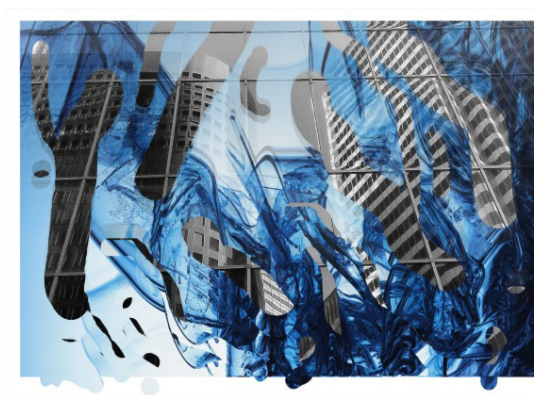


Figura 1: “Liquify”, imagem de síntese

Fonte: Dias, 2017

Propomos, assim, o *after-space*: este não é um espaço absoluto, neutro, matemático ou de localização. Não é um espaço recetáculo onde se produzem fenómenos e não é exclusivo de fenómenos percetivos. As alterações tecnológicas, associadas aos processos de afastamento estimulam um desenvolvimento “expandido” do espaço (Krauss, 1979) e a inscrição do termo como um pós-espaço. Expressão esta que visa um enquadramento epistemológico, que parte da tradição histórica do espaço, mas com possibilidades teóricas, em deslocamento das ideias tradicionais. A sua hifenização é proposta como forma de dar uma unidade semântica de um “espaço outro”, conservando o sentido dos seus componentes (pós e espaço) e fazendo permanecer o sentido de espaço, da sua história e complexidade.

O *after-space*, numa perspetiva de modelo relacional sugere, assim, um entendimento de espaço como produção própria. Mais do que estar num espaço, os sujeitos criam e desenvolvem espaço com base numa vontade de comunicar e de interagir. Pensar o espaço pressupõe que entremos num âmbito em que há mais significado do que objetividade, remetendo para conceções mais plurais e gerando novas formas de sociabilidade: se na *análise existencial* de Norberg-Schultz (1975) é determinante a necessidade de pertença, o *after-space* resulta da necessidade de interagir e comunicar.



Figura 2: “Este é o espaço que vai de mim a ti”, QR code
[para ver utilizar leitor QR Code]

Fonte: Dias, 2017

REFERÊNCIAS

Adorno, T. & Horkheimer, M. (1969), *Dialética do Esclarecimento, Fragmentos Filosóficos*. Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf

- Augé, M. (1994). *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Benjamin, W. (2001). Paris, capital do século XIX. In C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (pp. 67-80). Oeiras: Edições Celta.
- Canetti, E. (2014). *Massa e Poder*. Lisboa: Ed. Cavalo de Ferro.
- Calvino, I. (2000). *Cidades Invisíveis*. Lisboa: Companhia das Letras.
- Castells, M. (2000). *A cidade em rede*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do quotidiano*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Cruz, M. T. (2007). Espaço, media e experiência. Na era do espaço virtual e do tempo real. *Comunicação e Sociedade*, 12, 23-27. DOI: 10.17231/comsoc.12(2007).1094
- Felice, M. (2012). *Paisagens pós-urbanas*. Lisboa: Veja.
- Foucault, M. (2005). Espaços outros. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 34/35.
- Gil, I. C. (2011). *Literacia Visual, Estudos sobre a inquietude das imagens*. Lisboa: Ed 70.
- Habermas, J. (2013). *A modernidade: um projecto inacabado*. Lisboa: Nova Veja.
- Harvey, D. (1992). *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola.
- Krauss, R. (1979). Sculpture in the Expanded Field. *The MIT Press*, 8, 30-44.
- Liotard, J. F. (1988). *A condição pós-moderna*. R. Janeiro: José Olympio Editora.
- Koolhaas, R. (1995). *Três Textos Sobre a Cidade*. BA: CG.
- Manovich, L. (2005). Espaço navegável. In J. B. Miranda & E. P. Coelho (Eds.), *Espaços* (pp. 109-141). Lisboa: RCL.
- Norberg-Schultz, C. (1975). *Existencia, Espacio y Arquitectura, Nuevos caminos de la arquitectura*. Barcelona: Blume.
- Robins, K. (2003). O toque do desconhecido. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 31, 27-57.
- Simmel, G. (2001). A metrópole e a vida do espírito. In C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (pp. 31-43). Oeiras: Edições Celta.

Wirth, L. (1996). O urbanismo como modo de vida. In C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (pp. 46-65). Oeiras: Edições Celta.

Citação:

Dias, J. (2019). *After-space: para a compreensão do espaço na atualidade*. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 16-27). Braga: CECS.